



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III – GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**ALICE DOS SANTOS CORREIA**

**A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM A SUCESSORA DE  
CAROLINA NABUCO**

**GUARABIRA**

**2019**

**ALICE DOS SANTOS CORREIA**

**A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM A SUCESSORA DE  
CAROLINA NABUCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras Português.

**Área de concentração:** Literatura Brasileira

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C824r Correia, Alice dos Santos.  
A representação feminina em a Sucessora de Carolina Nabuco [manuscrito] / Alice dos Santos Correia. - 2019.  
58 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Carolina Nabuco. 2. Literatura. 3. Mulher. 4. Imagem. I.  
Título

21. ed. CDD 305.4

ALICE DOS SANTOS CORREIA

**A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM A SUCESSORA DE  
CAROLINA NABUCO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento do  
Curso de Letras da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
graduada em Letras Português.

**Área de concentração:** Literatura  
Brasileira

Aprovada em: 29/11/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

Rosângela Neres A. Silva  
Prof.ª Dr.ª Rosângela Neres Araújo da Silva UEPB – Orientadora

Maria Neni de Freitas  
Prof.ª Dra Maria Neni de Freitas  
UEPB – Examinadora

João Paulo da S. Fernandes  
Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes  
IFPB – Examinador

A Deus, meus pais, e aos  
professores que marcaram essa  
jornada, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente e principalmente a Deus, por ter até aqui me sustentando, pelo dom da vida, pelo dom da escrita e por ter me mostrado que a calma sempre chega.

À professora Rosângela por ter me apresentado essa obra tão maravilhosa, por toda dedicação não só agora na reta final, mas durante todo o curso, abrilhantando cada disciplina que ministrou, e instigando-me cada vez mais o amor pela literatura.

A todos da minha família, em especial, minha mãe Marinês que cuida tão bem de mim, meu pai Antônio, batalhador que faz o possível por nossa família, meus irmãos Alan, Antônio e meu sobrinho José Lucas que demonstraram preocupação para comigo, e ainda, meus tios-irmãos Marcondes e Marcelo que sempre me estenderam a mão.

Ao meu queridíssimo namorado Neto, que foi quem esteve comigo nos bastidores do dia a dia, me aguentou nos piores momentos, nunca soltou minha mão, e acredita tanto em mim.

À minha amiga Ana Carla, amiga que Deus me presentou na 4° série do Fundamental II e se tornou uma das poucas pessoas que posso realmente contar. Obrigada por ter me escutado quando as pedras surgiram no caminho.

Às minhas amigas de curso, Maria Roberta e Jardilene, que tornaram essa jornada ainda mais bonita, minhas parceiras da literatura e do compartilhamento dos medos e inseguranças de cada trabalho até aqui realizado. Também ao amigo Rafael Damião que procurou ser sempre prestativo com as pessoas ao seu redor, um ser humano muito generoso.

Aos professores do Curso de Letras da UEPB, em especial, o professor João Paulo Fernandes, que mesmo sem perceber me tocou profundamente com suas palavras, fez-me apaixonar ainda mais pela licenciatura, e mostrou-me como é importante dirigir palavras de afeto para o outro. Também o professor Paulo Aldemir que me entendeu e ajudou em muitos momentos do curso. A professora Danielle Coppi por ter sido tão

gentil. E magistra Neni, por compartilhar com a turma sempre que possível as suas pérolas de sabedoria, já sinto saudade de ouvir suas histórias.

Aos secretários do curso de Letras, Jonas e Marcielly, pela presteza e atendimento quando me foi necessário, além de toda paciência para tirar minhas dúvidas. Principalmente minha querida Marcielly, com quem obtive um vínculo muito especial.

Não poderia deixar de agradecer aos meus pequenos alunos de Reforço, Gabriel, Talita, Letícia, Geany, Gustavo, Wilk, Henry, Hugo, Isabela e Mariany, que estiveram comigo durante os dois últimos anos e que mesmo me dando tanto trabalho, nunca consegui esconder deles quando estava com algum problema e sempre fizeram questão de demonstrar carinho.

A todos meus colegas de classe, tanto os que ficaram até o final como os que seguiram outra seta do caminho, pelos momentos de amizade e apoio.

Por fim, a todos e todas que direto ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

*Do fogo que em mim arde*

*Sim, eu trago o fogo,  
o outro,  
não aquele que te apraz.  
Ele queima sim,  
é chama voraz  
que derrete o bivo de teu pincel  
incendiando até às cinzas  
O desejo-desenho que fazes de  
mim.*

*Sim, eu trago o fogo,  
o outro,  
aquele que me faz,  
e que molda a dura pena  
de minha escrita.  
é este o fogo,  
o meu, o que me arde  
e cunha a minha face  
na letra desenho  
do auto-retrato meu.*

*(Conceição Evaristo)*



## RESUMO

Carolina Nabuco e sua obra *A Sucessora* (2018) representam neste trabalho um viés para o estudo histórico e teórico da condição das mulheres em sociedade a partir do século XX, em especial as mulheres escritoras. Enquanto a Carolina representa essas mulheres escritoras, as personagens Alice e Marina representam a mulher moderna do século XX. A partir de Alice podemos entender o quanto a imagem, em campo de semiótica, influencia na reputação de uma mulher, enquanto Marina luta para alcançar o nível de perfeição da primeira esposa de seu marido. Para fundamentarmos esse estudo, utilizamos as teorias de mulheres como: Almeida (2008), Wiechmann (2018), Telles (2004), e Rosane (2007), isto para falar sobre a condição da mulher. Para melhor análise das personagens da obra, lemos dentre outros. Medeiros (2009). Para entendermos sobre a “perfeita” imagem de Alice, foram preciso estudos semióticos com Mauguel (2001) e Fernandes (2002). Para falar da mulher moderna, nos apoiamos em: Silva e Rêgo (2017), Gregori (2018). Assim desenvolveu-se o trabalho com a finalidade de refletirmos por fim, com a ajuda da escritora inglesa Virginia Woolf, a importância da representatividade feminina em todas as esferas, especialmente a literatura.

**Palavras-Chave:** Carolina Nabuco. Literatura. Mulher. Imagem.

## ABSTRACT

Carolina Nabuco and her work *The Successor* (2018) represent in this work a bias to the historical and theoretical study of the condition of women in society from the twentieth century, especially women writers. While Carolina represents these women writers, the characters Alice and Marina represent the modern woman of the twentieth century. From Alice we can understand how much the image, in a semiotic field, influences a woman's reputation as Marina struggles to achieve the level of perfection of her husband's first wife. To support this study, we used the theories of women such as Almeida (2008), Wiechmann (2018), Telles (2004), and Rosane (2007), this to talk about the woman's condition. For a better analysis of the characters of the work, we read among others. Medeiros (2009). To understand about Alice's "perfect" image, semiotic studies were needed with Mauguel (2001) and Fernandes (2002). To speak of modern women, we rely on: Silva and Rêgo (2017), Gregori (2018). Thus, the work was developed with the purpose of finally reflecting, with the help of the English writer Virginia Woolf, the importance of female representativeness in all spheres, especially literature.

**Keywords:** Carolina Nabuco. Writers. Literature. Characters.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
2	<b>A CONDIÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE DO SÉCULO XX</b> .....	14
2.1	<b>A mulher escritora</b> .....	16
2.2	<b>A mulher escrita</b> .....	22
3	<b>A PERSONAGEM FEMININA EM A SUCESSORA</b> .....	27
3.1	<b>A personagem Marina</b> .....	27
3.1.1	<i>A matriarca Dona Emília</i> .....	33
3.2	<b>Construção da personagem Marina na perspectiva intimista</b> .....	35
3.3	<b>Análise sobre Alice</b> .....	38
4	<b>A IMAGEM PRESENTE E AUSENTE</b> .....	40
5	<b>A RESISTÊNCIA DA MULHER MODERNA</b> .....	47
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	52
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	54

## 1 INTRODUÇÃO

Considerando que representatividade é importante para todos os gêneros, povos, culturas e raças, a fim de que o mundo se torne um lugar que todos possam respeitar o outro e afim de que as diferenças não sejam empecilhos para a equidade, faz-se necessário pesquisas científicas que busquem conscientizar sobre essa importância. Este é um dos objetivos desta pesquisa, pretende-se mostrar como se deu o processo de luta para um início de representatividade feminina na literatura, a partir do século XX. Para isto aprofundamos nossa pesquisa na autora Carolina Nabuco e seu livro *A Sucessora (2018)* e esmiuçamos as personagens femininas da obra, em especial a personagem Marina.

Este trabalho destina-se a uma reflexão teórica acerca de destrinchar uma principal questão: Que lugar estava destinado para a mulher na literatura e na vida? Conseguimos através de uma metodologia analítica-descritiva chegar em alguns pontos que respondessem essa pergunta. Na trajetória descobrimos o quanto ainda falta para alcançarmos uma predominante representatividade literária feminina, como bem pontua pesquisadoras como Marina Romanelli (2014):

O meio literário é predominantemente branco, masculino e hétero. É só conferir os membros da Academia Brasileira de Letras, folhear um caderno literário de um jornal de grande circulação, analisar os vencedores de prêmios literários, conferir a lista de leitura de livros paradidáticos obrigatórios nas escolas, observar os convidados para eventos literários, entre tantos outros exemplos. (Romanelli, 2014, p.43)

Portanto não há dúvidas que as mulheres ainda tem um longo caminho pela frente a ser trilhado em busca de sua representatividade, tanto na arte como na vida. Estudos que confirmam o processo de início da luta e que dêem vida a mulheres silenciadas, são de extrema importância para esses trilhos.

Iniciamos com estudos a cerca da condição da mulher no século XX, utilizando como aporte teórico textos de algumas mulheres, dentre elas, Jane Soares de Almeida (2008), Natalia Helena Wiechmann (2018), Norma Telles (2004) Antonia Rosane (2007), este tópico intitulado por *A condição da mulher na sociedade do século XX*, se dividiu em mais dois subtópicos para analisar e

refletir sobre as mulheres escritoras e as mulheres escritas da época, as primeiras enquanto dificuldades enfrentadas tal como a Carolina Nabuco, e as segundas enquanto estereótipos.

A segunda parte de análise A personagem feminina em A sucessora, foi constituído por um período analítico exclusivamente da obra e das personagens Alice e Marina, especialmente voltado para a personagem Marina, as duas representam a imagem da mulher moderna do século XX, a Alice já morta deixou seu legado de perfeição, enquanto Marina mostra a face da mulher imperfeita, infeliz, que se sente pressionada psicologicamente para se comportar a altura da esposa morta, tem como dificuldade a sensação da presença de Alice que se configura através do seu retrato pintado por Verron que parece ter passado para a tela a perfeição da primeira esposa de Roberto, e ainda, o processo de inadequação ao seu novo local de moradia, passou da tranquilidade da zona rural, para os ares de modernidade da zona urbana, a capital do Rio de Janeiro, através da personagem analisamos também os aspectos da prosa intimista que revelam características do íntimo e do psicológico, para a melhor análise dessas personagens utilizou-se da teoria de Marcelo Medeiros (2009) e a própria Carolina Nabuco (2000) em entrevista.

Terceiro passo foi através do tópico *A imagem presente e ausente* e com aportes teóricos de Alberto Mauguel (2001) e Fernandes (2002) para discutirmos sobre a influência do campo semiótico para entendermos como se configura em Marina a pressão em ser melhor esposa que aquela que para ela possui uma imagem de mulher perfeita.

Quanto a *Resistência da mulher moderna*, Adilson Silva e Roseli Rêgo (2017) e Juciane de Gregori (2018) ajudaram para uma reflexão acerca do que as mulheres, especialmente as casadas do século XX tiveram que resistir. Nesse ponto atribuímos a Marina a ressalva que ela resistiu a todos os problemas envolvidos, quando decidiu fugir para seu espaço de apoio, pensando no seu próprio bem estar.

Consideramos por fim deste trabalho a escritora e crítica literária Virgínia Woolf (2018) que salienta a importância da representatividade feminina em todos os âmbitos, especialmente na literatura, em sua época de luta, falava sobre como o trabalho seria árduo, para que a mulheres pudessem conquistar *um teto todo seu*, mas hoje já podemos ver alguns resultados. E por isso, mais

uma vez da importância e finalidade deste trabalho: resgatar autoras apagadas da nossa história como Carolina Nabuco, a fim de que sejam agora representadas, e também as personagens, como neste caso, Alice, Marina e sua mãe Dona Emília, que através de suas histórias fictícias nos revelam a realidade pela qual nossas companheiras viveram e resistiram.

## 2 A CONDIÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE DO SÉCULO XX

No Brasil, desde seu tempo como colônia o sistema patriarcal vigorou na sociedade. O homem como o sujeito centralizador dessa sociedade, por qual todas as instâncias da mesma eram participados, comandados e influenciados por ele. A mulher subalterna a esse sistema tinha, desde a infância, que se preparar para o casamento e a maternidade, sendo essas suas únicas funções e importantíssimas para o futuro da pátria.

Da mulher era esperado os bons costumes, valores e uma vida inteira destinada a preparação para o matrimônio e sequentemente a maternidade, enquanto ao homem seu lugar era no campo de trabalho, para sustentar sua esposa e filhos e centralizado em todas as formas de poder.

Acreditava – se serem essas as únicas funções que a mulheres poderiam cumprir, excluindo por exemplo a possibilidade da mulher ocupar espaços de trabalho. As primeiras que começaram a exercer ofícios eram vistas diante da sociedade com desprezo e também preocupação, como constatou Jane Soares de Almeida (2013, p.188):

O lar era o altar sagrado no qual estavam depositadas sua esperança e felicidade. O casamento e a maternidade deveriam ser o ápice de seus melhores e maiores sonhos de realização pessoal. Por esse motivo, eram as indicadas para serem as primeiras educadoras da infância, em cujo fundamento se estruturavam o alicerce da família e o futuro da Pátria. (ALMEIDA, 2013, p.188)

Portanto, a mulher representava um “anjo do lar” que possuía obrigações com o marido e filhos, e que em prática essas obrigações deveriam ser a realização dos seus sonhos pessoais, além de ser nela depositado todas as expectativas de gerar o futuro da pátria, segundo Norma Telles (2004) a mulher que se opunha a todas as atribuições que lhes eram culturalmente destinadas, também poderia representar à sociedade uma “força do mal” ou “mulher-monstro” como nomeia a autora Natalia Helena Wiechmann (2018), pois é uma mulher que não dá valor a servir e quer pensar em si mesma “essa representação se refere às mulheres que assumem características tradicionalmente masculinas, como a autoridade, a força e a iniciativa sexual” (WIECHMAN, 2018, p, 7).

A hipótese de uma mulher ocupar o mundo do trabalho rompia com os pensamentos conservadores e patriarcais da época, principalmente no século XIX, a sociedade ainda não estava em sua totalidade preparada para esse avanço: “entrar no mundo para além das paredes domésticas, exigia, com certeza, ousadia” (GODINHO, 2016, p.19). Muitos eram os perigos apontados se a mulher começasse a trabalhar: a diminuição no número de casamentos, diminuição no número de filhos, a ausência da mulher no lar, além de perderem toda meiguice e pureza que as mulheres eram vistas como detentoras e que jamais seriam sinônimos de força, trabalho e luta, elas não iriam mais repassar esses valores aos filhos, e assim, as famílias, formadoras do futuro do país entrariam em decadência.

Esse contexto de subordinação a um sistema patriarcal revigorado desde o início dos séculos, segundo Bárbara Figueiredo Souto (2016), ainda se sustentava no início do século XX no Brasil por causa da influência direta da Igreja Católica nos vários âmbitos da sociedade, e que constituía o padrão que determinava o comportamento devido às mulheres. Telles (2004) comenta a respeito do comportamento que a sociedade impôs às mulheres:

O que lhe cabe é uma vida de sacrifícios e servidão, uma vida sem história própria... ela é mediadora entre o artista e o desconhecido, instruindo-o em degradação ou exalando pureza. É musa ou criatura, nunca criadora. (TELLES,2004,p,337)

Por meio destas palavras, podemos refletir sobre as mulheres que nesse âmbito condicional eram censuradas de tanto, e mesmo assim quiseram escrever, quiseram criar. Mostrando então, sua coragem e determinação. O momento em que as mulheres começam a perceber que podem ser o que elas querem, independentemente do que a sociedade mantém, é também o momento que marca uma revolução entre os pensamentos que se obtinham sobre a supremacia entre os gêneros. É também no século XX que essa realidade começa a mudar, as mulheres iniciam aos poucos um processo de busca por direitos que para a sociedade conservadora eram inimagináveis, são nas últimas décadas deste século que as mulheres conseguem levar temas extremamente femininos às discussões políticas, promovendo questionamentos, “sexualidade, maternidade, aborto, violência contra a mulher, contracepção... e assuntos do cotidiano, como o fato de a mulher não ter onde



deixar os filhos quando vai trabalhar, o salário menor que o dos homens” (MANINI, 1996, p. 46).

Diante de todo o exposto, eram a passos pequenos que as mulheres encontravam coragem para enfrentar tais pensamentos e buscarem suas liberdades e independências. Liberdade para ir além do que lhes era predestinado pelos homens, com muita coragem conseguiram conquistar seu espaço de fala, de trabalho e na escrita, coragem porque a discriminação e a certeza de sua vulnerabilidade, as colocando sempre com inferior, nunca facilitou, mas as mulheres resolveram não desistir.

## **2.1 A Mulher Escritora**

O hábito da leitura entre as mulheres foi umas das transformações que ocorreram com a chegada da família real no Brasil, precisamente no Rio de Janeiro, como aponta Antonia Rosane (2007) através das afirmações de Castro (2015), com o ensino superior ainda negado, obtiveram acesso a uma instrução primária e a escolas exclusivamente para mulheres. Logo, mesmo silenciada, a mulher deu mais um passo, em direção a escrita.

Antonia Rosane (2007) em seu artigo *Escolha e exclusão de textos de autoria feminina do cânone literário brasileiro*, reflete como a escrita feminina foi silenciada e excluída principalmente no século XIX, a autora revela como causador desse injusto silêncio, as autoridades intelectuais, que “censuravam” a escrita feminina, “consideravam como uma literatura “menor”, sem muita expressividade.” (ROSANE,2007,p.99). Isso porque as mulheres por terem recebido uma criação voltada aos cuidados domésticos e maternos não seriam capazes de fazer um uso conceitual da escrita, escrever sobre o que acontecia no momento e não teriam apropriação para isso, portanto escreviam cartas e em diários, esse último proibido depois do casamento, visto que mulheres casadas não poderiam ter segredo, então, ainda moças, algumas ousavam em falar do amor, como sentimento puro e genuíno, sendo totalmente proibidas de escrever sobre outro assunto, visto que, os estudados, bem informados e únicos capazes e autorizados de discutir sobre a sociedade e seus valores eram os homens.

Norma Telles (2004) apresenta o que a autora Lygia Fagundes Telles descreveu sobre essas cartas e diários que por muito tempo foram os únicos meios de escrita das mulheres, denominados de “cadernos goiabada”, as mocinhas escreviam pensamentos e estados de alma, diários que perdiam o sentido depois do casamento. Como já dito, as mulheres casadas não poderiam ter segredo, então faziam anotações, escreviam sobre os problemas domésticos, receitas novas para agradarem aos maridos etc. Para Lygia esses “cadernos goiabada” foram os responsáveis pela inserção das mulheres no mundo da escrita, já que através deles muitas mulheres ganharam coragem para escrever além de suas receitas e anotações diárias. Porém, com o preconceito que eram vistas, foram silenciadas.

As autoridades intelectuais já citadas, eram segundo Norma Telles (2004) os detentores do poder, totalmente eurocêntricos e pela sociedade burguesa eram denominados capazes para classificar a própria sociedade e o que esta produzia,

...havia a marca de um eurocentrismo inabalável que acumulava experiências e territórios, pessoas e narrativas, classificando-as, unificando a multiplicidade na medida em que bania identidades diferentes, a não ser como ordem inferior da cultura e da ideia de uma Europa branca, masculina, letrada e cristã. TELLES,2004,p.336)

Nesse contexto, a escrita feminina não era considerada importante ou necessária, era no mínimo aceita quando cumpria suas regras sobretudo na temática, a influência europeia ditava isso, as mulheres não eram bem vindas no mundo da escrita. A autora Salete Rosa Pezzi (2014) fala de Lima Duarte, que ao discorrer sobre o cânone, menciona a obra *O cânone Ocidental* (1994) de Harold Bloom, nessa obra, Bloom apresenta uma lista com os considerados melhores escritores do Ocidente, através dessa lista Duarte concluiu que esse padrão na escrita se tratava de uma disputa por poder e por isso a mulher não se enquadraria e suas produções literárias não teriam valor, visto que só o homem detinha o poder e portanto poderia beneficiar a outro homem.

Ainda sobre o texto da Antonia Rosane, as dificuldades que as mulheres enfrentaram para conseguir escrever além de suas cartas, diários e temas amorosos foram muitas:

A partir do momento em que as mulheres deixaram de ser apenas leitoras e inseriram-se no campo da escrita, muitas barreiras foram

impostas, como a dificuldade que elas enfrentavam ao tentar publicar seus livros e obter pagamento por eles e, devido a isso, muitas delas assinavam suas obras com pseudônimos masculinos. (ROSANE,2007,p,107)

Através dos pseudônimos muitas mulheres encontraram a oportunidade de escrever sobre temas sociais, e apenas assim seus textos tinham valor para a sociedade, que quando descobriam o nome feminino por trás do pseudônimo, descartavam a credibilidade. Citados por Michelle Vasconcelos (2015, p.4 – 5), Michelle Perrot e Georges Duby, denominam que a escrita feminina pertencia a um âmbito privado, como antes de escreverem poesias e romances as mulheres só podiam escrever cartas ou diários, o único local de produção feminina eram seus quartos, o que tornava essa escrita ainda mais privada por ser tão íntima.

Fortalecendo a reflexão da exclusão e o silenciamento das mulheres na escrita, Cristiane de Paula Ribeiro (2018), lembra:

A Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897, foi uma instituição de grande prestígio social, que em seu surgimento contou apenas com membros masculinos. É interessante notar, que já nos anos finais do século XIX, a não aceitação de mulheres como membros de tal, constitui-se como um dos fatores determinantes para a perpetuação de uma exclusão feminina do cânone literário brasileiro. (RIBEIRO, 2018, p.350)

Exatamente por ser uma instituição de grande prestígio que nenhum nome feminino poderia participar da Academia Brasileira de Letras, o que mais uma vez revela a condição das mulheres escritoras do século XIX, uma condição marginalizada e de desprestígio social, a Cristiane Ribeiro (2018) cita também o caso da Júlia Lopes de Almeida que esteve presente como idealizadora na criação da Academia, mas por ser mulher acabou sendo barrada, e quem ocupou seu lugar foi o marido.

Rompendo com essa tradição que a literatura pertencia ao homens e a eles cabia a crítica, decidindo o que serve ou não “A crítica literária feminista se desenvolveu na década de 1960 como parte de um movimento internacional liderado pelas mulheres na luta por direitos igualitários e pelo direito ao aborto.” (WIECHMANN, 2018, p.2), tanto internacionalmente como no Brasil esse desenvolvimento foi cheio de confrontos e embates com a tradição literária patriarcal, que insistia em calar essas mulheres, a autora Natalia Helena

Wiechmann afirma que atualmente a crítica literária feminina conseguiu avançar muito, principalmente na Europa, enquanto no Brasil e em outros países menos desenvolvidos, essas conquistas por serem lutas femininas ainda possuem muitos estigmas a serem quebrados.

É certo que mesmo em meio a esse silenciamento, houve mulheres que contribuíram na historicidade da literatura brasileira, que ousaram e resolveram escrever, mesmo em uma condição que a escrita era um ofício masculino. Dentre essas mulheres, injustiçada por esse período de silêncio, está a escritora Carolina Nabuco, autora do livro em estudo, (*A Sucessora*, 2018), escritora oitocentista, que decidiu enfrentar a sociedade patriarcal de sua época.

Maria Carolina Nabuco de Araújo nasceu no Rio de Janeiro, em 1890, mesmo tendo passado sua adolescência nos Estados Unidos, “possuía um espírito altamente brasileiro”. Seu primeiro livro, *A vida de Joaquim Nabuco* 1928, foi uma biografia de seu pai, Joaquim Nabuco, um estadista e abolicionista que fora embaixador do Brasil, obra que a fez receber o Prêmio de Ensaio da Academia Brasileira de Letras. *Chamas e cinzas* (romance, 1947), *Visão dos Estados Unidos* (viagem, 1953), *Santa Catarina de Sena* (biografia, 1957), *A vida de Virgílio de Melo Franco* (biografia, 1962), *Retrato dos Estados Unidos à luz da sua literatura* (crítica literária, 1967), *O ladrão de guarda – chuva e dez outras histórias* (coletânea de contos, 1969) e *Oito décadas* (memórias, 1973), foram todos livros da autora que em 1978 recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras.

Carolina Nabuco representa um número alto de autoras brasileiras que sofreram um apagamento de suas histórias e livros, vítimas do silenciamento imposto às mulheres que queriam escrever, mulheres que foram esquecidas embora prestigiadas em sua época. A comunidade letrada as silenciaram por simplesmente serem mulheres. Consideravam – nas loucas e astutas, por negarem o ofício à elas predestinados (matrimônio e maternidade), quando na verdade, a maioria não negou, só não queriam ser escravas de um sistema que determina como deveriam se comportar, como se fossem incapazes de pensar, de tomar suas próprias decisões e suas vidas fossem unicamente se esconder às sombras de uma figura masculina. E só agora, através dos estudos

acadêmicos, podemos resgatar e conhecer a história de Carolina Nabuco e outras escritoras.

Dentre suas características está a sensibilidade em repassar através de suas personagens o contexto da época e os conflitos internos pelos quais as mulheres sofriam, como muitos de seus livros foram biografias, afirma Zahidé Muzzart que “A partir de suas memórias, podemos traçar-lhe o retrato, não íntimo, mas de suas ideias e de seu olhar sobre o mundo da época. Não só pelas memórias, mas pelo que escreveu seja de ficção, seja em outro gênero” (MUZZART, 2014, p.2) ao analisar sua obra Retrato dos Estados Unidos à luz de sua literatura, obra que Carolina mostra sua crítica literária e analisa alguns nomes importantes na literatura.

A escritora foi uma das primeiras brasileiras a atuar como tal, segundo a editora Instante (2018), Nabuco descreve a posição da mulher burguesa na sociedade do início do século XX, considerando tabus e opressões – questões nunca antes abordadas na nossa literatura urbana. Carolina Nabuco vem então, mostrar o poder da escrita feminina, de forma corajosa e inspiradora, em um século que embora tivesse a permissão para escrever, teve sua escrita silenciada pelos conservadores da época, que ainda tinham poder para isso.

Zahidé Muzzart (2014) também conta como se deu o processo de início do livro em questão A Sucessora, que conforma Carolina Nabuco o primeiro título pensado para o livro era “O retrato da primeira mulher”:

Eu tinha um projeto de conto para o qual já escolhera título, “O retrato da primeira mulher”. Seria uma espécie de diálogo entre uma esposa morta e aquela que lhe sucedeu. Cuidei de aproveitar e estender esse esboço, a fim de transformá-lo em romance. Acrescentei pormenores e episódios que pudessem dar mais vida às figuras principais e firmar o contraste entre as duas esposas – uma viva, outra morta. (apud, MUZZART, 2014, p.6)

A obra foi publicada em 1934, retrata muito bem o contexto histórico do Brasil da década de 30, do declínio dos ricos proprietários rurais e a constante ascensão dos novos ricos ligados à indústria pelo advento da modernidade, através de uma personagem rica da zona rural, Nabuco apresenta com muita sensibilidade a dificuldade de Marina para conviver na sociedade moderna dos novos ricos, incluindo seu marido Roberto, antes casado com a falecida Alice, mulher que bem representava os bons dotes da mulher rica e moderna.

Uma curiosidade sobre a obra, apontada por Zahidé (2014, p.6) foi a polêmica com a escritora inglesa Daphne du Maurier, quem em 1938 publica o livro *Rebecca* que deu origem ao filme com Hitchcock. A obra da inglesa que acarretou muito sucesso no exterior foi acusada de plágio referente a obra de Carolina Nabuco, mesmo com a constatação devido a semelhança de personagens e até mesmo iguais diálogos, Carolina Nabuco não quis levar o caso adiante.

E foi por causa da coragem de mulheres como Carolina Nabuco que os espaços femininos foram reconstruídos socialmente, enfrentaram os padrões e superaram os limites impostos, “o enfrentamento do mundo permitiu à mulher constituir-se sujeito da própria história e tornar-se responsável pelas implicações que advêm dessa inserção” (PEZZI, 2014, p.110) portanto, vemos a mulher como a responsável pelas suas próprias conquistas, elas ditaram à sociedade patriarcal que seriam as construtoras de suas próprias histórias. No que diz respeito a coragem feminina, não poderia deixar de ser citado que foi por uma mulher, a professora maranhense Maria Firmina dos Reis, que foi escrito em 1859 o primeiro romance abolicionista no Brasil e o primeiro romance escrito por uma mulher, uma verdadeira inspiração, contra o patriarcado e as injustiças empregadas às mulheres e aos negros.

O processo de inserção das mulheres como participantes da sociedade, foi muito difícil. As pessoas estavam acostumadas a responderem a padrões, e as ideias contrárias causavam muito estranhamento, o início dessas conquistas foi marcado por polêmicas, as mulheres que começaram a trabalhar, se divorciar, escrever etc., não eram respeitadas pela sociedade. Um exemplo de acontecimento que gerou muita polêmica na época em que aconteceu, citado por Norma Telles (2004) foi, o surgimento do jornal: O Sexo Feminino, que pertencia a Francisca Senhorinha da Mota Diniz, ela defendia a capacidade da mulher em ser boa no que decidisse fazer, e afirmou que a mulher tinha mais capacidade para escrever do que os homens. Ler o que essas mulheres escreviam era considerado pior do que as atitudes delas de escreverem, pois, era uma forma de incentivar. Pela falta de leitura de suas obras muitas mulheres como a própria Carolina Nabuco, foram ocultadas da historiografia da literatura brasileira.

A evolução dos fatos, mesmo em constante progresso, revela o quanto o “reconhecimento da literatura de autoria feminina é um processo que continua em construção, atingindo, não só o novo público produtor e leitor feminino, como também incorporando outras visões de alteridade.” (PEZZI, 2014,p.111), do século XX até os dias de hoje elas têm conquistado cada vez mais os seus espaços da escrita e da participação efetiva na sociedade, ou pelo menos, mostrado a importância do reconhecimento ao mesmos, sabendo que a mulher deve garantir o seu lugar onde queira.

Força e determinação foram os pilares para as primeiras escritoras brasileiras, que por tanto tempo silenciadas, têm agora como ressurgirem através de estudos acadêmicos que reconhecem sua importância e fazem questão de colocá-las em estudo, uma vez que contribuíram esplendorosamente na construção da nossa literatura, trazendo mais beleza, mais perfume, mais coragem.

## **2.2 A Mulher Escrita**

As personagens femininas passaram por inúmeras mudanças em seus estilos com o passar do tempo e a constante transformação da sociedade. O tratamento e a forma de ver a mulher na realidade eram os mesmos na ficção.

As autoras, Stefany Nascimento, Josiele Ozelame e Cleizer Lagaro (2016), fizeram um interessante estudo sobre a evolução de algumas memoráveis personagens da literatura, do período romântico ao contemporâneo no Brasil. No período romântico destacaram a personagem Cecília da obra O Guarani de José de Alencar, nesse período “a mulher passa a ser vista com outros olhos, pois agora participa da vida social, vai aos teatros e, principalmente, as burguesas tornam-se leitoras dos folhetins” (NASCIMENTO, OZELAME e LAGARO, 2016,p.37) contudo, ainda vigorava um sistema que exaltava o poder masculino e na mulher o que era exaltado era sua delicadeza, bom comportamento, obediência, servidão.

A mulher também era considerada uma fonte de inspiração, uma luz de pureza, que nasceu para ser amada, totalmente frágil e delicada, “a idealização feminina é representada por Cecília, moça pura e ingênua que desperta em três corações as mais distintas formas de amor... além de... um comportamento visto como adequado para uma jovem moral e socialmente correta.” (NASCIMENTO, OZELAME e LAGARO, 2016 p.36). Portanto, uma personagem condizente com o comportamento que uma jovem deveria ter em sociedade, percebe-se também que a essas moças sempre estaria destinado atrair aos homens, com características de uma donzela medieval.

No século XIX, segundo Norma Telles (2004), surgiu a personagem histórica, os romances faziam então uma espécie de estudo sobre o temperamento das mulheres, solteiras e casadas, nesse tipo de romance, se dá muita importância a figura do médico, como um ser muito sábio e contribuinte eficaz para a sociedade, entre suas atribuições: diagnosticar e tratar as mulheres com histeria. A causa dessa histeria era sempre resultado de alguma quebra no quadro familiar e muito interessante eram os fatores para a cura “A cura está no casamento, na procriação, na aceitação das normas institucionalizadas.” (TELLES, 2004, p. 359). A fragilidade que a mulher era mantida, totalmente perpassada para os livros, como forma até de advertência para os pensamentos contrários de homens e mulheres que começavam a surgir.

No período Realista, período lembrado pela denúncia e crítica social que os autores faziam através da escrita utilizando muitas vezes a ironicidade, a representação das mulheres personagens se modifica:

A mulher, representada nas personagens femininas, aparece não tão frágil como para os românticos, mas capaz de cometer delitos como o adultério, buscando felicidade fora do casamento, ou de enriquecer ilicitamente, as personagens femininas são astutas, sabem manejar situações diversas e são desprovidas de fragilidade. (NASCIMENTO, OZELAME e LAGARO, 2016, p.39)

Ouve nessas personagens uma grande modificação através dos autores realistas que não descreviam as mulheres mais como perfeitas e endeusadas, mas agora como sujeitas ao erro. ao pecado a infelicidade e ao descontentamento.



Nascimento, Ozelane e Lagaro (2016) analisam a personagem Capitu, da obra Dom Casmurro de Machado de Assis, Capitu é retratada com características antagônicas as personagens do romantismo “Ela mostra-se capaz de causar em Bentinho os mais diversos sentimentos, desde o encanto, ainda na infância, até a paixão marcada pelo ciúme, já na fase adulta.” (NASCIMENTO, OZELAME e LAGARO, 2016, p.40), as autoras atentam que para entender personagens como a Capitu é preciso entender também o contexto histórico social da época:

...por volta dos anos de 1850 em diante, na fase final do Império, um período de transição que se anuncia com o início do capitalismo e da urbanização do país. A mulher começa a avançar além das fronteiras domésticas e a ocupar um espaço maior na sociedade. Surgem então mulheres escritoras, jornalistas, professoras e cortesãs etc” (NASCIMENTO, OZELAME e LAGARO, 2016, p.40)

Nesse contexto em que a situação das mulheres em sociedade atravessa uma revolução crescente, a Capitu de Machado de Assis se revela com características marcantes e determinada por sua forte personalidade, “oblíqua e dissimulada”, pensante, capaz de contornar situações e é ela que coloca o homem em posição de submissão segundo o Bentinho, portanto, uma personagem diferente das de outrora.

A autora Telles também faz ressalvas a Machado de Assis e seu estilo para descrever personagens femininos, rompendo de vez com as personagens do romantismo, a exemplo de Capitu, personagens de complexidade,

São também de Machado de Assis as personagens femininas mais complexas. Fugindo ao ideário europeu que identificava mulher e natureza, vida telúrica e animal e identifica o homem com uma vida artificial, Machado de Assis realiza deslocamentos e apaga fronteiras. Assim, suas personagens femininas acabam abrigando novos temas, do inconsciente ao contexto histórico. (TELLES, 2004, p.360)

O escritor Machado de Assis é para a autora, essencial na reflexão sobre a evolução das personagens fictícias da literatura brasileira, pois ele integrou à suas personagens, características opostas ao que a sociedade já havia empregados, foram também dele as primeiras mulheres que romperam com o patriarcado na ficção.

Voltando a Stefany, Josiele e Cleiser, já no período contemporâneo, analisam novamente a personagem Capitu, mas agora na versão Capitu – Memórias Póstumas de Domício Proença Filho, que se trata de uma releitura de Dom Casmurro, dessa vez além de suas características fortes, a personagem apresenta seu verdadeiro ponto de vista sobre sua relação com Bentinho, sobre sua verdadeira conduta, e agora ela pode se defender, mostrar quem realmente é e não ficar presa ao que Bentinho disse sobre ela.

Se Machado de Assis deu um grande salto no realismo com sua personagens, na contemporaneidade é possível ver muito mais avanço nessas mulheres:

De musa idealizada até aquela que tem coragem para expor sua versão acerca do tão complexo tema do adultério, a imagem da mulher na literatura brasileira se mostrou cercada de conceitos e complexidades dignas de a tornar ícone de superação e luta por direitos igualitários. (NASCIMENTO, OZELAME e LAGARO, 2016,p.47)

Já que o que se passava na real vida das mulheres era sempre colocado dentro de suas histórias inicialmente escritas por homens, não é exagero dizer que as mulheres em todas as realidades existentes tiveram que por muito tempo manterem-se presas, sem direitos, apenas deveres, e que após muita luta conseguiram conquistar espaços, até hoje os conquistam, na esfera real e também na ficcional.

Gabriela Tofanelo (2015) em seu artigo A trajetória do feminismo na literatura de autoria feminina brasileira, faz uma pesquisa sobre o estudo de Elódia Xavier, sobre a trajetória e evolução de algumas personagens femininas, e que fez uma modificação nas três fases divididas pela americana Elaine Showalter (1985). Na primeira, a personagem Úrsula, da já citada Maria Firmina dos reis, é a fase feminina de a partir de 1859, em que a mulher “obtinha um caráter pejorativo, frágil e indefeso, por estar presa ainda ao modelo patriarcal vigente na época” ( TOFANELO, 2015, p.3). Na segunda, em 1944 a fase feminista, com as personagens de Clarice Lispector “em que a mulher passa a questionar sua situação já evidenciada no movimento feminista” (TOFANELO, 2015, p. 3) e por último em 1990, a fase Fêmea ou Mulher “com uma literatura voltada para a autonomia da representação

feminina” (TOFANELO, 2015, p.3) em que a mulher pode falar dela mesma e dos seus sentimentos.

Nesse estudo as personagens femininas analisadas serão de Carolina Nabuco de seu livro *A Sucessora*, a Alice, que obedecia ao padrão em que as mulheres burguesas do século XX estavam destinadas, elegante, bonita, de bom gosto, já sendo possível observar sua personalidade, mas claro, submissa ao marido e que cumpria muito bem seus deveres domésticos, e a personagem Marina, que embora rica, era uma moça do interior, onde os valores femininos ainda eram retrógrados em comparação ao que já evoluía nas cidades, especificamente, no Rio de Janeiro, que é o principal cenário da obra, essas mulheres iam a festa de salões exibir seus luxuosos vestidos, dançavam, fumavam, tudo com muito requinte, comportamentos que eram elegantes e faziam a mulher brilhar, dentro dos limites impostos pelo marido.

Carolina Nabuco coloca em contato mais psicológico que físico essas duas diferentes mulheres, a primeira deixou o seu legado, e a outra sofrendo sempre comparações. E mostra, que mesmo acostumadas a contextos diferentes, a mulher do século XX, tinha que obedecer aos padrões do lugar onde estivesse. A autora participa de um processo de desenvolvimento quanto a evolução das personagens femininas, mesmo ainda dominada ao sistema, a personagem Marina expressa seus verdadeiros sentimentos, se questiona sobre sua condição de ter que agradar a todos, e essa consciência dada as personagens foi de extrema importância. .Esse conflito entre a obediência a um sistema e a mudança de hábitos que a jovem Marina teve que enfrentar, mesmo para ela sendo tão difíceis, serão melhor analisados nos próximos capítulos.

Como aponta Tofanelo “ao passo em que o movimento feminista foi avançando e se consolidando, igualmente a literatura de autoria feminina sofreu alterações” (TOFANELO, 2015, p 4), enquanto o questionamento sobre a condição da mulher é levado em consideração, as conquistas que realizaram e ainda irão realizar são também de suas personagens.

### **3 A PERSONAGEM FEMININA EM A SUCESSORA**

Em sua obra *A Sucessora* (2018), lançada em 1930, Carolina Nabuco apresenta aos leitores, duas distintas personagens, que em conflito são as principais do romance. Mesmo com características tão diferentes, as duas personagens, Alice e Marina, tendem a representar os moldes femininos que as mulheres transfiguravam na década de 30.

Da vida real ao romance, o contexto social era o mesmo, um Brasil cada vez mais industrial, e o declínio dos engenhos que até antes eram os maiores responsáveis pela ascensão econômica do país, um cenário saindo de cena, para que outro ainda mais poderoso entrasse.

Nesse contexto, os homens ainda possuíam toda uma moral atribuída ao seu sexo, determinado pela sociedade, assim como o casamento era a maior preocupação de uma moça, que desde nova era treinada pela mãe para obter os dotes necessários para conquistar um bom marido.

Diante do que é igual, é possível notar através do romance, enormes diferenças no comportamento das mulheres e homens da época, assim como, em hábitos religiosos. Essa diferença é perceptível, quando vemos dois cenários do romance: O interior, o campo, a forma que uma mulher era educada nesse local, os costumes, a religiosidade, o lugar onde o sistema patriarcal e padrões de bom comportamento ainda são muito latentes; E a cidade, a capital, lugar que as mulheres têm obrigações, principalmente com o marido, mas sua forma de comportamento já é visto de outra forma pela sociedade, mesmo ainda pressionada a agradar pelo comportamento, o exigido agora é outro, a mulher mais ousada, que dança, se mostra, frequenta salões, se destaca e através disso a credibilidade gira em torno também do marido.

#### **3.1 A Personagem Marina**

Marina, a primeira personagem apresentada na obra, é uma mulher jovem, que acabara de se casar com Roberto Steen, antes viúvo, um homem rico de sangue estrangeiro. Ao casar, Marina teve de sair da fazenda Santa Rosa onde se criou para morar na cidade do Rio de Janeiro com o marido.

Com a mudança de local de moradia, Marina procurou se familiarizar ao seu novo estilo de vida, não só o de casada, mas ao estilo de uma mulher de cidade grande, sem as mesmas rotulações, tradições e moralidades da zona rural,

Marina vinha de outro meio. O Brasil dela era o velho Brasil agreste dos antepassados fazendeiros... Os de Marina haviam sido por muitas gerações proprietários de Santa Rosa, a fazenda mais antiga do estado do Rio. Eram donos de toda terra que divisavam das janelas da grande casa colonial... a casa solarenga em que Marina nascera e que pertencia por herança à sua mãe. Através dos tempos coloniais e do Império, Santa Rosa criara na família fortunas e questões, até a Abolição que a sorvera. Agora agonizava. (NABUCO,1940, p.11)

O ambiente que Marina iria viver com o marido não era mais esse, em nenhum aspecto. Esse contexto em que Marina era acostumada deu lugar a um novo, e Marina não estava preparada para enfrentar tal mudança, porém tinha consigo esperança e a vontade de atender bem seu marido, estava disposta aprender “Deixaria que a fé e a submissão a guiassem no amor como na religião” (NABUCO,1940,p.28).

Em sua tese *Júlia Lopes de Almeida e Carolina Nabuco: Uma escrita bem comportada* (2011), o autor Marcelo Medeiros, diz que a protagonista Marina, represente uma espécie de simbiose, entre as forças conservadoras e inovadoras da época, já que em alguns momentos a personagem possui comportamentos conservadores e em outros, comportamentos inovadores para a época.

Embora o futuro de sua vida fosse prometido a adaptações, Marina, além de mulher do interior, com toda simplicidade que percebemos em todos os gestos herdados da criação, não conseguiu ao menos escolher seu enxoval de casamento, pois essas vaidades não eram ensinadas aonde ela vinha, teve outro empecilho para sua vida, desde o primeiro dia que chegou na sua casa nova, sentia a infernal presença da ex-mulher de Roberto, Alice, a madame Steen, famosa por sua beleza e personalidade, mesmo morta Alice se fez presente através de sua imagem no quadro que estava na sala, além de se fazer sempre presente nos comentários das pessoas que se aproximavam de

Marina, e por isso “Marina se vê como a outra, a segunda esposa.”(MEDEIROS,2011,p.123).

Desde o primeiro dia que chegou a sua casa, antes governada pela madame Steen, Marina sentia-se constantemente pressionada e ameaçada pelo quadro da morta.

“A sensação de não ter um centro no qual se apoiar é decorrente do fato de a personagem passar a ser inserida em um espaço que não foi construído por ela nem para ela...” (MEDEIROS. 2011, p.123). Um mundo de festas, reuniões, jantares, o grupo de amigos de Roberto, tudo deixava Marina aflita e sem ter a certeza do que fazer, do que vestir, do que servir, até mesmo do que falar, os novos colegas, faziam questão de observá-la:

A filha do desembargador observou que Marina tinha dentes irregulares... Uma senhora...que trabalhava com Germana...fez notar que Marina tinha o ar por demais modesto e os ombros curvos. (NABUCO, 1940, p. 61).

Parece que cada um tinha o direito de diagnosticar Marina, seja procurando defeitos, ou apontando suas qualidades. Até as pessoas que aparentemente podia confiar pareciam estar prontos a lhe acusar pelas faltas de não ter os prendes das mulheres de cidade, como sua cunhada Germana, que foi a encarregada por instruí-la no processo inicial:

Qual será o primeiro prato, Marina? Lembre alguma coisa a seu gosto, dissera. Mas logo que Marina lembrou peixe à escabeche, objetou: “Que ideia! É prato de almoço!”, deixando à mostra... a ignorância da dona da casa. (NABUCO, 1940, p.60)

Durante o romance, Germana aparece como a personagem de instrução de Marina, porém causando nela desconforto, já que Germana sempre apontava críticas a Marina.

Além da cunhada, Marina também em muitos momentos se sentia pressionada a agradar o marido. Ouvir as instruções da cunhada, agradar ao grupo de amigos de Roberto, ser uma dona de casa acolhedora e de presença,

se tornaram a grande obsessão de Marina, que acreditava só assim poder agradar o marido, assim também começa sua disputa com a morta Alice, que nos comentários dos conhecidos era uma mulher perfeita. Marina queria ser melhor que ela, e lutava contra a morta, a fim de fazer feliz seu marido, e que ele nunca pudesse sentir falta da outra. A própria Carolina Nabuco (2000, p.269) ao falar de sua personagem, retrata toda a infelicidade que a Marina teve que passar, no que diz respeito a pressão de suceder uma mulher aparentemente tão perfeita, como também as dificuldades de adaptação:

[...] A sucessora é apenas a história de uma obsessão, a da esposa pela morta. Conteí um caso mais psicológico que real. [...]a minha heroinazinha, Marina, deseja que aparecessem manchas na imagem imaculada da morta; que Rebecca houvesse sido infiel, adúltera; e desejava, também, através de todo o livro, que o fogo destruísse o lar que fora da outra e ao qual ela não conseguia adaptar-se (NABUCO, 2000 apud MEDEIROS,[ca.2009],p.6).

É possível ver que a autora reconhece que além da obsessão de Marina em se comparar com a morta Alice, e a infelicidade na dificuldade de adaptação ao seu novo mundo, existe também a constante procura por indícios que provem que a madame Steen não era a mulher perfeita que todos descreviam e estavam sempre a comparar com Marina.

Marina amava seu marido, queria agradá-lo, e por deduzir o quão ele era feliz com Alice, ela sofria por não conseguir ser igual a ela. Ouve um episódio do romance em que Marina, em uma tarde que abriu seu palacete da Paissandu, para sua primeira grande recepção, sentia-se muito mal entre os amigos de Roberto, pois achava não estar se saindo bem como anfitriã, nunca como Alice deveria se sair, tanto que chegava a invejar o marido, que se dava tão bem em seu convívio social:

Invejava ao marido o troco fácil no convívio social, o sorriso exuberante que abrangia a todos. Via nas fisionomias o efeito dos agrados de Roberto, lastimando vê-lo cumprir melhor que ela os deveres de salão que competem à mulher. Concluía que não era a esposa de que precisava Roberto. (NABUCO,1940,p.93)

Marina vivia esse infeliz dilema, nunca se sentia completamente feliz, não sabia se agradava ao marido e não conseguia cumprir bem um de seus principais deveres: receber bem seus convidados, toda esta dificuldade, se dava porque o lugar onde Marina se criara, não eram essas as preocupações, tudo era mais simples e calmo, sem vaidades e uma mulher jamais deveria chamar atenção.

Nesse mesmo evento, como um ato de desespero, Marina por querer se parecer com Alice, decidiu carregar os lábios de carmim, solicitou um cigarro, e passou a rir alto e falar com todos no salão da casa. Mais tarde quando iam sair pra jantar, se enfeitou toda, colocou maquiagem e foi ter com o marido. Roberto não gostou da atitude da esposa, repreendendo-lhe firmemente, pediu que voltasse a ser como antes e desprezou sua nova conduta: “ – Bom, espero-te embaixo – disse Roberto, e saiu, já mais indulgente, satisfeito de se ter mostrado firme e de tê-la encontrado dócil.” (Nabuco,1940,p.97), mais um ponto para a infelicidade de Marina que nunca se sentia agradável ao marido.

Marina trouxe consigo do interior, uma forte religiosidade, era católica, e tinha na consciência muitas privações. Sentia-se mal entre os grupos de Roberto porque além de tudo, eram muito libertinos, a autora, em um momento da obra, demonstra o que esses amigos pensavam sobre Marina:

Marina provocava no grupo outras decepções, mais sutis. Os novos amigos não se importavam, nem se surpreendiam, de vê-la escandalizar-se sem motivo, como uma aluna de convento... Contavam que Marina se deixasse deslumbrar pelos prazeres novos, pelo luxo... que a cercava e que deveriam virar cabeça de uma menina da roça. (NABUCO, 1940, p.92)

Toda a pureza de Marina por ser do interior não era bem vista pelos amigos de Roberto, ela sentia que tinha que mudar o comportamento, mas contudo, ainda lhe restava o peso na consciência quando resolver agir com naturalidade sobre algo que achava impróprio, os amigos acreditavam que alguma hora ela cederia ao luxo, e esqueceria a simplicidade a que foi educada, mas Marina sabia que não. O luxo, o prazer, nada disso era importante para ela, a não ser uma coisa: fazer feliz o seu marido, e por isso



vivia tão triste, sabia que as coisas que a incomodavam para ele, eram muito prazerosas.

A vida de Marina era baseada em aparências, era de fato triste a pobre moça se sentir tão pressionada a um modelo de vida que não era o seu. Quando chegou o Carnaval, Marina mais uma vez pelo marido, ousou acompanhar os amigos pelas festas, “O barulho atordoava-a. Os nervos vibravam-lhe... No meio de toda sua ostentação de prazer, só sentia um desejo: encontrar-se sozinha na casa.” (NABUCO, 1940,p. 141). Sua religiosidade era motivo de risadas, sem querer levou o terço para a festa e todos caçoaram.

Mesmo com o sucesso de Marina diante dos amigos e do marido, não se sentia bem, agradá-los não a deixou feliz como pensou que seria:

No quarto...viu-se de surpresa no espelho, o primeiro que encontrava desde seu atormentado vestir, entremeado com as Ave-Marias do terço. Essa mulher estranha, de cabelereira azul,...estava mesmo bonita de espantar. Hoje, pelo menos,...Marina, estivera a altura de tudo que Roberto e o grupo podiam esperar dela numa noite de Carnaval. (NABUCO, 1940,p. 143)

Mesmo que por uma noite, Marina conseguiu o que queria, sentiu-se admirada por todos, enfrentou seus princípios e consciência baseados na educação de sua mãe, sua religião, seus gostos pessoais, deixou de lado a tranquilidade que queria para fazer a vontade do marido, mas mesmo assim, Marina não ficou feliz.

A personagem representa inúmeras mulheres brasileiras, que já convencionadas a algo, têm que abrir mão para se enquadrar em sociedade e fazer bem ao marido, principalmente na época em que este era o principal dever da mulher, atender bem ao marido, assim como também representa as mulheres que muitas vezes eram tidas como loucas por causa dos seus problemas, que no caso de Marina eram o de adaptação e a pressão em substituir a primeira mulher do marido, a qual ela sempre sentia presente. Após sair de casa, Marina não pôde exercer sua religiosidade em paz, muito menos vivia em paz, toda a pressão que vemos fazer mal a Marina, nos faz entender a situação das mulheres da década de 30 no Brasil, em que:

Na perspectiva patriarcal, a inserção de Marina na mansão dos Steen pode ser lida como uma representação de duas dimensões intrínsecas ao patriarcalismo: a passagem da dominação do pai, para a dominação do marido. (MEDEIROS,2011,p.135)

Na época essa era a maior legitimidade do patriarcalismo e Marina sujeita a esse sistema, assim como todas as mulheres, deveriam seguir essa ordem em suas vidas: de comandadas pelo pai, para submissas ao marido. Marcelo Medeiros ainda afirma que seria exatamente essa troca de papel que causa o choque na vida de Marina, e mais, além da troca de papel, a troca aconteceu em cenários distintos, contextos totalmente diferentes, o novo papel de Marina exigia-lhe comportamentos que ela não conhecia na Fazenda Santa Rosa.

### **3.1.1 A matriarca Dona Emília**

Como o tópico em questão se trata da análise da personagem feminina na obra, sentiu-se necessário falar um pouco da mãe de Marina, Dona Emília, não por apenas ser uma personagem feminina da obra, mas por toda sua representatividade enquanto Senhora de Engenho, com toda sua força, representando todas as mulheres que sem a presença do marido tiveram que tomar conta de suas fazendas e empregados, dando ordens e cuidando dos negócios e também as que tinham seus maridos, os senhores de engenhos, mas não deixaram de ter suas funções e bem executadas, Dona Emília merece portanto um momento versado sobre ela, representando essas outras mulheres:

Figuras mansas, obscuras e tidas como dependentes do mundo masculino. Engano. Muitas, quando da decadência de terras de família, da devastação de casas-grandes, tomavam de fato e de direito conta da família e da fazenda, criando filhos e dando-lhes instrução, casando filhas e gerando negócios como um chefe... eram "mulheres do açúcar". Tanto se tem escrito sobre os senhores de solares, a balançar-se em redes, Mas a gramínea perene...foi, igualmente, assunto de mulher. (PRIORE,2008,p.58)

Esta fala que pertence a Mary Del Priore, é utilizada em seu artigo *Mulheres de Açúcar: vida cotidiana de senhoras de engenho e trabalhadoras da cana no rio de janeiro, entre a colônia e o império* (2008), em que a autora apresenta uma pesquisa sobre a vida cotidiana de senhoras de engenho na região do Rio de Janeiro, percebemos nessa fala que a autora dará um protagonismo para as senhoras de engenho que foram essenciais para a construção do cenário açucareiro do Brasil, algo que não é realizado com frequência e por isso é tão importante.

Podemos ver a força em que Dona Emília comandava a fazenda em muitos comentários e lembranças de sua filha Marina:

...trazia recordações de Santa Rosa...Da atmosfera pesada dos meios-dias mormacentos...Da umidade da tarde...Do fresco da casa...Do eterno esperar por coisa nenhuma...Dos carros de bois arrastando-se...E sobretudo das ordens incessantes de Dona Emília, sua mãe. Dona Emília era Santa Rosa, e Santa Rosa era Dona Emília. No dia em que ela faltasse, tudo aquilo desabaria. (NABUCO,1940,p.19)

Percebemos que Marina via na mãe a força que de fato ela tinha, que mesmo sem o marido representava muito, e fazia bem suas funções de senhora de engenho, como uma boa matriarca, recebia apenas a ajuda do sobrinho Miguel. Percebemos também, que ao lembrar da fazenda Marina sempre lembrará da mãe e vice-versa, sendo portanto através de Dona Emília que Marina descreve o cenário em que ela vivia feliz.

Foi ela que através da educação repassou para Marina a fé católica em toda sua religiosidade, “Com raríssimas exceções, todos os engenhos tinham uma capela para culto da religião católica, religião professada pelos proprietários, trabalhadores livres e escravos.”(PRIORI,2008,p.58), também a ensinou sobre comportamentos adequados a uma moça, tudo em base a forma que também foi educada, preceitos que passavam de filha para filha e eram muito bem preservados na vida de interior, a exemplo, uma mulher não poderia encarar um homem, nem ficar a sós com um, “Eu fiquei envergonhada de ver como minha filha olhava para um estranho.”(NABUCO,1940,p.52), os hóspedes deveriam ser sempre muito bem cuidados, entre outros.

Como lhe competia, Dona Emília se preocupava com o casamento da filha, como normal, só morreria em paz se visse a filha bem casada “A vida não foi feita para mulheres sós no mundo, sobretudo mulheres criadas como você.”(NABUCO,1940,p.38), por isso Dona Emília tratou de arranjar o noivado de Marina com o sobrinho Miguel.

Era nela que Marina pensava sempre que sua consciência pesava ao fazer algo que sua educação não permitia, até mesmo quando pensava em Alice: “Pensou no que diria Dona Emília, e toda sua educação religiosa se levantou contra a inconsciência da moribunda.”(NABUCO,1940,p.86), Dona Emília deixou na filha o seu legado, principalmente sobre a religiosidade e a simplicidade.

Dona Emília era também preconceituosa, viveu no tempo da escravatura e não conseguiu apagar as marcas do racismo que cresceu vendo: “os preconceitos...,em Dona Emília, eram ainda vivos como em seus avós”(NABUCO,1940,p.152). Quando menina foi secretamente a favor da abolição, mas sem ter a noção que a lei “ia deixar sem braços e sem recursos a zona em que florescia Santa Rosa.”(NABUCO,1940,p.153).

“Ela e Marina tinham os pontos de vista de gerações muito diferentes. Dona Emília percebia logo nas fisionomias indícios de raça africana que a Marina escapavam” (NABUCO, 1940,p.153). Mesmo com o preconceito, fruto da criação, Dona Emília, Senhora de sua fazenda ajudava aos negros que viviam e trabalhavam em suas terras, dando assistência em remédios, comidas e o que mais precisassem, hábito que existia também com sua mãe e avó.

### **3.2 Análise sobre Alice**

Quanto a Alice, o que podemos analisar, é o que é dito sobre ela, tanto pela própria Marina, quanto por alguns outros personagens que tiveram contato com ela em vida, como a Laurita Menezes que era amiga dela, e após a morte continuou sendo de Roberto e dessa vez tentava ser de Marina, de Laurita sempre escapava características físicas de Alice: “-... o ruge predileto de Alice... Alice não deixava ninguém lhe tocar o cabelo senão Monsier Georges...

Alice gostava de sobrancelhas bem finas e bem separadas. (NABUCO,1940,p.91).

Através das caracterizações, sabemos que Alice representava a mulher moderna do século XX, bonita, elegante, prendada, de presença e muito bem casada, conforme os estudos de Valeria Leoni, sobre as mulheres a partir do século XX: “a figura da mulher moderna, magra, ágil, agressiva e independente, comparada às atrizes norte-americanas, passou a ser admirada pelas platéias femininas e masculinas.” (LEONI,[ca. 2010],p.18).

Admirada por todos, Alice deixou uma boa impressão, e a representação da mulher perfeita, uma de suas admiradoras era Adélia, prima de Marina, que sempre comentava com a prima sobre a madame Steen (assim era chamada por seus admiradores) e sua impecável elegância:

Madame Steen parecia-lhe uma requintada flor de luxo, com os hábitos e a mentalidade das damas que conhecia através das páginas de Vogue e de Femina. Adélia admirava-lhe sobretudo a moldura – as joias, os automóveis, as inopinadas partidas para a Europa...Notava a unção especial com que...os homens beijavam a mão que estendia. (NABUCO, 2018, p. 30)

Tudo em Alice era motivo de admiração para a jovem Adélia, percebemos o quão requintada Alice era, pela beleza, mas também devido a ajuda do dinheiro, luxo e vestidos franceses caríssimos que a cercavam. Vestidos franceses porque eram os que ditavam a moda do século, e Alice como uma mulher de referência, sabia acompanhar a moda, Raissa Amaral (2015) em seu artigo *Os modos de vestir e a influência francesa na Belle Époque carioca* ajuda a nos situarmos sobre a moda vigente na época e a relação de poder que representava segui-la:

Surge então um período artístico, cultural e político no país, a Belle Époque, com grande influência da cultura europeia, principalmente da francesa e da inglesa; que apresentava novos conceitos nas belas-artes, cultura e também na moda, apresentando a silhueta em S (momento quase final do espartilho), que apresentava destaque às curvas, busto realçado, os quadris arqueados e ventre contraído, se concretizando como uma silhueta antinatural. (Amaral, 2015, p.10).

Isso nos faz entender a associação da moda com as relações de poder, pois quem se vestia nos moldes franceses e europeus, eram os ricos e prestigiados socialmente, também o quanto essa caracterização das roupas tem em comum com a imagem da mulher moderna do século, através dos destaques ao corpo feminino.

Através de Roberto era impossível descobrir algo sobre Alice, a não ser no trecho em que ao ser indagado por Marina se ele acreditava que Alice imaginaria que ele casaria outra vez. Em resposta, ao dizer que não só Alice imaginava, como tinha certeza, e descreveu os momentos finais da vida da ex esposa:

A doença foi tão rápida que ela nem teve tempo de emagrecer. Tinha o mesmo ar faceiro, na cama branca de hospital ...Ainda no último dia, ela arranjou duas vezes os cabelos diante do espelho. Creio até que pôs um pouco de ruge. (NABUCO, 1940, p.86)

Nesse trecho descrito por Roberto, podemos perceber que Alice era uma mulher muito vaidosa, e se preocupou em manter a aparência bonita até nos seus últimos momentos. Continuando rara descrição de Alice por Roberto, ele fez uma comparação entre ela e Marina: “- Ela não era santa como você... Fiscalizava a miúdo o penteado e a pele. Nunca queria me parecer feia e,...preocupou-se com a última lembrança que eu guardaria dela” (NABUCO, 1940, p.86). Reforçando sobre a vaidade de Alice e sua preocupação em estar sempre impecável.

Além de suas características sobre moda e beleza, sabe-se que Alice também era uma ótima dona de casa, como deveriam ser as mulheres de seu tempo, era portanto um exemplo de mulher também nesse quesito. É possível constatar isso quando Marina encontra caderninhos de receita que pertenciam a Alice, neles haviam muitas anotações com observações sobre as preferências de Roberto:

O nome ou a inicial de Roberto figurava profusamente. Ao lado de muitas receitas, Alice pusera a indicação “R. gostou” ou “R. não gostou”. Havia listas de “Coisas que R. não deve comer” e “Coisas de que R. não gosta” e outra, mais meticulosa, de “Coisas que R. mais gosta. (NABUCO, 1940, p.85)

Com esse material encontrado por Marina, fica provado a excelente dona de Casa e esposa que Alice se preocupava em ser, além de agradar seu marido em aparência, também procurava agradá-lo através de seus afazeres de dona de casa.

Diante da concepção das outras pessoas conhecemos um pouco de Alice, mesmo não podendo ter certeza sobre algumas coisas, por exemplo, se Alice era feliz naquele mundo de aparências que Marina não conseguia se habituar. Talvez sim, pelo fato de apropriação, de costume, de achar natural, se sentir confortável, ou talvez não, por ter sempre que agradar, talvez ela tenha vivido sentindo-se tão pressionada quanto Marina, só ela poderia dizer.

Sabe-se portanto que Alice representa as mulheres modernas do século XX, que embora livres de certas convenções, ainda estavam inseridas a um sistema patriarcal, que cobravam-nas mais protagonismo.

### **3.3 Construção da personagem Marina na perspectiva intimista**

O romance *A Sucessora* foi lançado em 1930, período da Segunda Geração Modernista, chamada de Geração de 30. As características do romance, especialmente as da personagem principal, Marina, é o que torna capaz classificar a obra como Prosa Intimista,

...o romance de Carolina Nabuco atendia com precisão literária e estética à fase de concretização e afirmação de novos valores sociais, fase esta que se dividia entre temas regionalistas e composição de caráter intimista...é um período construído...após a crise de 1929 em Nova York, de profunda pressão econômica, social e política. Dentro desse quadro irrompe a jovem Marina, protagonista de uma fascinante história...que percorre os meandros psicológicos (ALENCAR, p.5, 2018)

Nesse trecho já nos é apresentado todas as características da obra e que compunham as obras da geração, interessante saber que todas essas características se movem ao redor de Marina. A própria questão da afirmação de novos valores sociais é para um dos seus maiores conflitos, considerando que a mesma passa por um processo infeliz de adequação a esses valores que para ela são modernos demais, ou mesmo impróprios, imorais. Também é

Marina que nos apresentará através de outros personagens, como sua mãe, a realidade física e econômica que se encontravam as zonas rurais do país na época, caracterizando o regional, também traço da segunda geração modernista. E por fim, Marina também trás consigo questões do seu íntimo, questões psicológicas e da psicanálise, com toda sua sensibilidade e dificuldades sobre sua vida de casada, trazendo assim, a característica intimista para a obra.

Sobre essas questões psicológicas, era muito delicado para Marina, a certeza que Alice estava na casa e todo seu medo e obsessão, deixavam ela desconfortável em falar sobre o que se passava com alguém, principalmente o marido, tinha medo de ser tratada como louca, já que era o que acontecia com as mulheres que apresentavam qualquer toque a mais de sensibilidade, ou apresentasse algum problema com suas emoções.

Outro aspecto importante para análise de literatura intimista segundo Marcio Jean Fialho (2016) é a questão do espaço que acontece o conflito e o espaço de refúgio, em sua tese de doutorado *A Mimese da Escrita Intimista nas Narrativas Autodiegéticas de Eça de Queirós (2016)*, diz que “ o estado de conflito vivido pelo sujeito faz com que ele...busque um lugar de refúgio, de isolamento”, esse lugar, para Marina, seria a fazenda Santa Rosa, lugar onde ela poderia estar longe da casa e da presença de Alice, poderia ficar em paz consigo mesma e por isso no clímax do romance, ela decide sair da casa, sem o consentimento do marido como ato de loucura, e partir para a fazenda, se refugiar do sofrimento.



#### 4 A IMAGEM PRESENTE E AUSENTE

Como já dito antes, além da dificuldade de adaptação a um novo contexto social, Marina também teve outro empecilho para concretizar sua felicidade de recém-casada, sendo este ainda maior e mais prejudicial a Marina.

Em seu primeiro dia na sua casa nova, a mansão de Paissandu, lugar em que Roberto morou com a falecida Alice, Marina se confrontou com um quadro emoldurando um retrato de Alice:

Na parede central, com os olhos pretos e brilhantes dirigidos para a porta, com a mão levantada acolhedoramente, Alice, fazendo de dona de casa, parecia receber a sucessora como a uma hóspede passageira, e dizer ao marido: “Amo-te e quero-te feliz. Não receio a comparação. (NABUCO, 1940, p.12)

Para Marina o quadro a atingiu de forma brutal, estragando impiedosamente seu começo de vida nova, antes tão feliz, a partir de agora, e por causa do retrato surgiu-lhe a infelicidade. Por um erro de comunicação entre os empregados que o retrato esteve ali, mas as consequências foram desastrosas para Marina, que não teve mais sossego desde a recepção a sua casa.

O marido, Roberto, ao perceber a chateação da esposa, tentou desmanchar o ar tenso que Marina agora carregava, não estava mais contente, “ – Não deves deixar coisa alguma estragar a tua entrada nesta casa, nossa casa... Alice, coitadinha é só uma pintura... Tu que és minha vida” (NABUCO, 1940, p. 15). Mal sabia Roberto a infelicidade e os conflitos que passariam Marina por causa desse retrato.

Marcelo Medeiros (2011) em sua tese também discute sobre a essencialidade do retrato de Alice na obra, sendo ele o precursor das atitudes da heroína, ele trás um trecho da autora Carolina Nabuco, que de início já pelo poder contido no retrato pretendia dar outro nome ao romance começado em forma de conto:

Eu tinha um projeto de conto para o qual já escolhera título, “O retrato da primeira mulher”. Seria uma espécie de diálogo entre uma esposa morta e aquela que lhe sucedeu. Cuidei de aproveitar e estender esse esboço, a fim de transformá-lo em romance. Acrescentei pormenores e episódios que pudessem dar mais vidas às figuras principais e firmar o contraste entre as duas esposas – uma viva, outra morta (NABUCO, 2000, p.139-140, apud MEDEIROS, 2011, p. 140)

Através da fala da autora já percebemos a importância desse retrato e de como influenciou os rumos da história. O retrato de Alice foi o responsável por fazer Marina se sentir definitivamente como uma outra, uma vez que afirmou para ela a sensação de estar ocupando o lugar de alguém, e que esse alguém só não estava mais ali porque havia falecido, o quadro originou em Marina uma “competição que se estabelece, imaginariamente, entre ela e Alice Steen...As angústias de Marina tornam-se mais intensas quando ela está na mansão” (MEDEIROS, 2011, p.133), ou seja, na própria casa, Marina se viu ameaçada pela presença de uma pessoa morta que se mostrava através de um quadro mesmo depois de escondido, e mais, Marina sentia a obrigação de superá-la, de ser melhor.

Além de não se sentir bem com situações novas que lhe aconteciam exteriores a sua casa, não se sentia confortável em sua própria casa, pois era ali que ela sentia a presença ameaçadora de Alice, “Como se sentir segura em uma casa que abriga não só os pertences da falecida mas ainda lhe cultiva a memória?” (MEDEIROS. 2011, p.135). Como vimos na descrição de Alice, seus conhecidos sempre escapavam coisas a seu respeito, principalmente quando estavam em sua antiga casa:

Alice Steen, ainda que morta, mantêm-se presente e viva. A casa que ela construiu a seu gosto e com a fortuna do marido guarda a si, e os objetos ainda estão dispostos do jeito que ela havia ordenado, mantendo, assim a personalidade de sua antiga ocupante. A casa dos Steen, em sua suntuosidade, ainda diz muito da primeira dona cujos traços, a partir dos objetos presentes e dos costumes estabelecidos pela falecida...Por isso a casa tornar-se-á para a segunda esposa um espaço asfixiante...impregnado de vivências, registros e marcas de Alice Steen, diante da qual Marina se sente não como sucessora, mas, sobretudo, como uma intrusa (MEDEIROS, 2011, p.134)

Marcelo Medeiros explica então os motivos pelos quais Marina se sente mal em casa, e também deixa claro a forma pela qual Marina sente a presença de Alice dentro da casa, com o quadro e todas as coisas descritas por ele, onde ela fosse sentiria a presença de Alice. Os empregados inclusive, como Marina não entendia muito dos preceitos de dona de casa rica e carioca, os empregados reproduziam por vezes os mandos que recebiam da outra. Ao dizer que Marina sentia-se ali como uma intrusa, o autor faz em sua tese um leque de relações entre a obra *A Sucessora* de Carolina Nabuco e *A Intrusa* de Júlia Lopes de Almeida.

O retrato de Alice foi pintado por Verron, prestigiado artista parisiense, fez questão em fazê-lo, ao observar o retrato, Marina não deixou de apreciar a competência do artista, e ao observar as características físicas de Alice, lembrou da frase que ouvira sobre Alice “Era uma criatura de um magnetismo extraordinário... Achou que Verron conseguiu transmitir para tela esse magnetismo” (Nabuco, 2018,p. 14).

Através do retrato então, Alice reforça sua presença dentro da casa, e Marina por não a conhecer, só através do retrato e do que as pessoas comentavam, tem diferentes opiniões sobre Alice durante todo o conflito que se passa na obra.

Marina em vários momentos se mostra como investigadora da vida de Alice, tinha a esperança de um dia descobrir algum deslize sobre sua vida algo “que a derrubasse do seu pedestal. Mais de uma vez, em frente ao retrato, veio-lhe inesperadamente ao espírito a palavra ‘hipócrita’ ” (NABUCO, 1940, p. 130). Como quando recebeu uma carta de Verron encaminhada para Alice, que devidamente não sabia sobre sua morte. E antes de terminar de ler a carta, pois foi interrompida, ao voltar para a saleta (lugar onde estava guardado o quadro) foi surpreendida com um incêndio causado por seu cigarro que acabou errando a mira e jogando no divã. Não pode-se deixar de notar a conduta de Marina perante o fogo que se alastrava sobre o quadro:

Ficou sem movimento, os olhos hipnotizados pelas chamas, que cresciam e se atiravam sobre Alice. Parecia-lhe estar vendo outra vez uma imagem que a impressionara no seu catecismo de menina, em que uma alma do purgatório, com figura de mulher, aparecia assim, surgindo do fogo, com chamas até os joelhos. Passando o primeiro

momento, teve consciência que sua emoção não era susto. Era alívio. (NABUCO, 1940, p.132)

Vemos então nesse momento que a tormenta que o quadro representava para Marina, fazia com que ela desejasse que ele se destruísse, mesmo que ela escondesse dela mesmo esse desejo, ao ver o quadro quase se destruir (o retrato não queimou), revelou para ela mesma.

Sobre as concepções de Marina sobre Alice baseadas no retrato, concepções sobre suas características físicas e sobre quem era Alice através de sua imagem pintada e sua imagem retratada por outros, Alberto Mauguel (2001) afirma que:

...estamos todos refletidos de algum modo nas numerosas e distintas imagens que nos rodeiam, uma vez que elas já são parte daquilo que somos: imagens que criamos e imagens que emolduramos; imagens que compomos fisicamente, à mão, e imagens que se formam espontaneamente na imaginação (MAUGUEL, 2001, p.21)

Percebemos que Alice, na verdade sofre uma enorme quantidade de comentários opinativos sobre quem era ela, e esses comentários junto ao retrato formaram em Marina uma imagem física e comportamental de Alice, imagem ameaçadora “somos essencialmente criaturas de imagens, de figuras.” (MAUGUEL, 2001, p. 22)

Neste trecho pode-se constatar que Marina sentia a presença de Alice dentro da casa, por isso não aguentava ficar sozinha: “De nada lhe valia o bom senso contra a imponderável presença de Alice” (NABUCO, 1940, p.126). Marina sentia-se mal, com essa inexplicável sensação, e não se sentia confortável em dizer a alguém, pois a julgariam louca, além de também não se sentir capaz para tocar no assunto. Com o terror do retrato logo apareceram alucinações, pesadelos, Marina sentia, cada vez mais forte a presença de Alice, mesmo com o quadro escondido, abafado, mas ainda era a casa dela, todos falavam nela, era torturador.

A imagem construída por Marina de Alice, se revelava através do quadro, quando estava na salinha onde estava o retrato, como sempre a olhá-lo, Marina se sentiu feia em comparação a Marina. E imaginou a felicidade do retrato por isso: “Seria para Alice a vingança mais clara, mais cheia de

satisfação.” (NABUCO, 1940, p, 148). Marina se sentia inferior a Alice do retrato, tanto do retrato pintado, pelo físico, como pelo retrato dito pelas pessoas sobre os seus magníficos feitos em vida. O retrato influenciava diretamente na vida de Marina, tinha poder sobre ela.

O quadro em si amedrontava Marina, tanto quanto a imagem descrita dela em palavras, como se tudo que falavam sobre Alice para ela se encaixasse e se reafirmasse no quadro “As imagens assim como as histórias, nos informam” (MAUGUEL, 2011, p. 21), percebemos que os conflitos de Marina possuem explicações no campo da semiótica, lembrando que “Não existe, em nenhuma atividade espiritual, um meio utilizável ou utilizado que uma vez referido a qualquer fato ou acontecimento material, ou não material, não pertença à teoria geral dos signos.” (WALTHER-BENSE, 2000, apud FERNANDES, 2002, p. 161).

Sabendo que signo é algo que “tem uma materialidade que percebemos com um ou vários de nossos sentidos.” (FERNANDES, 2002, p.162) o retrato de Alice é um signo e possui a particularidade essencial de todos eles: “estar ali, presente, para designar ou significar outra coisa ausente, concreta ou abstrata.” (FERNANDES, 2002, p.162). Nesse caso, o retrato representava a Alice em sua forma de pessoa, e para Marina e uma forma exclusivamente real e mais forte, por isso lhe causava tanto tormento, já que essa forte presença em junção com a imagem representativa de mulher perfeita de Alice trouxe a Marina efeitos negativos, vendo Alice então, como inimiga.

Mauguel (2002) cita que “Aristóteles sugeriu que todo processo de pensamento requeria imagens.”(p.21), ou seja Marina obrigatoriamente levantaria uma imagem mental acerca de Alice sobre o que ouvia falar dela, mas o quadro, consolidou melhor a construção dessa imagem. Essa obrigatoriedade não era capaz de fazer Marina ter uma imagem positiva de Alice, por isso o retrato lhe fazia tão mal, significava a imagem de uma pessoa que não lhe fazia bem:

As imagens que formam nosso mundo, são símbolos, sinais, mensagens e alegorias. Ou talvez sejam apenas presenças vazias que completamos com o nosso desejo, experiência, questionamento e remorso. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos. (Mauguel,2002,p.21)

No caso de Marina, demonstra a forma exata em que ela construiu sua imagem de Alice, completando com o seu desejo, experiência de vida, com seus questionamentos sem respostas e o remorso da sensação de estar ocupando um lugar que era de outra. Segundo o próprio Mauguel quando vemos uma imagem, nos colocamos imediatamente em posição de leitores daquela imagem e atribuímos a ela pensamentos e opiniões:

Quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas -, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável. (MAUGUEL,2001, p.27)

Nessa fala o autor está a falar de sua experiência com imagens, em especial a uma pintura de Van Gogh. Podemos facilmente relacionar ao caso em estudo, de fato, Matina atribuiu ao retrato vida própria. O retrato dizia muito a Marina sobre Alice pela questão de quem o pintou, a história de Verron um importante artista que não se interessava mais por retratos ter feito questão em pintar Alice, e ainda a relação de amizade que os dois preservaram, como afirma Mauguel “Vemos uma pintura como algo definido por seu contexto; podemos saber algo sobre o pintor...podemos ter alguma idéia das influências que moldaram sua visão”(MAUGUEL,2001,p.27). O mesmo acontece quando Marina olha as fotografias de Alice:

Em cada retrato aparecia uma Alice diferente diversa e, no entanto, a mesma, trajando as modas de cada ano, vestida ora para esporte, ora para cidade, posando ora de pé, ora sentada, ora só, ora acompanhada. Raras vezes sofria o envelhecimento esdrúxulo de modas passadas...Alice em praias, montanhas e arvoredos; e em todas as luzes... (NABUCO,1940,p.72)

Mais uma vez se reafirma o que diz Mauguel, sobre o fato de lermos as imagens, de darmos significados de acordo com nossa própria experiência. Vendo Alice em todas aquelas fotos, todas as poses, roupas, afirmava a Marina o quão espetacular e moderna foi a vida da primeira esposa e quão feliz ela deve ter feito seu marido.

Marina confirmava o poder de Alice sobre ela, como projetou nela que mesmo morta torcia pela sua desgraça, não se sentia apta para competir em ser melhor que essa fantástica mulher.

## 5 A RESISTÊNCIA DA MULHER MODERNA

Como já foi explorado no início deste trabalho, as mulheres ao longo dos séculos foram submetidas a um sistema que torna como principal elemento da sociedade o homem, o que resultou em um patriarcado. Mesmo com muitas formas de resistência a esse sistema é possível identificar ainda resquícios deste mesmo sistema, quando observamos o comportamento e as condições dadas as mulheres.

Em *A Sucessora*, a personagem principal Marina revela um leque de características femininas diante dos conflitos que a cercava, através de sua sensibilidade, de suas inseguranças, medos, dúvidas, não que sejam características predominantemente femininas, mas existe um estereótipo que julga assim.

Os leitores a princípio, após conhecer a simplicidade e ingenuidade de Marina se deparam com as características acima e percebemos em Marina uma “inadequação psíquica” resultante da pressão psicológica que ela estava inserida, pressão vinda das pessoas e dela mesma. Por essas razões pode-se passar despercebido ao leitor a força de Marina que lutava todos os dias contra esses problemas, assim como sua forma de resistir mesmo que desesperada as comparações com a primeira esposa, além da presença dela, a luta contra sua própria consciência e preceitos religiosos. Mesmo com o fiel intuito de agradar ao marido ela não se sentia bem com a situação, e decidiu que em primeiro lugar ela deveria se sentir bem.

Juciane de Gregori em seu artigo *Feminismos e resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos* (2017), observou atentamente que, “Ao longo do desenvolvimento da sociedade moderna, ao se darem conta da exploração e opressão a que estavam sendo submetidas, as mulheres foram levadas, gradativamente, à subversão.” (GREGORI, p.47, 2017), ou seja, as mulheres passaram por um processo de conscientização sobre seus verdadeiros valores e sobre as suas funções diante da sociedade, e como sabemos, passaram a identificar as injustiças relacionadas a seu sexo, porém foi um processo gradativo, marcado por resistências e lutas por direitos, o que



marcou por exemplo, o início do movimento feminista do nosso país, e hoje podemos ver muitos direitos já garantidos as mulheres.

É possível fazer uma síntese sobre como era a vida das mulheres casadas do século XX, para entendermos também ao que elas tiveram que lutar e resistir nessa posição tão rigorosamente pressionada pela sociedade, o que já é possível perceber através da história do romance. Vemos que as mulheres eram ainda totalmente submissas a seus maridos e essa submissão era transpassada para as leis da época, tornando toda forma de subalternidade como legalizada perante a lei. Observemos o que diz Adilson Silva e Roseli Rêgo, no artigo *A Identidade familiar da mulher casada: da obrigatoriedade à faculdade de mudança do nome da mulher no casamento* (2018), sobre o argumento utilizado pela sociedade para manter a mulher sob o controle do marido:

...situava-se no âmbito da capacidade. Aqui, geralmente, eram utilizados discursos que colocavam a mulher em uma situação de incapacidade natural para exercer plenamente os atos da vida civil, conseqüentemente das outras esferas sociais, como a política e a econômica, colocando-a, juridicamente em uma posição secundária e subordinada aos direitos do homem. (SILVA e RÊGO, p.5,2018)

Portanto, existia um esteriótipo, que denominava as mulheres como incapazes, como frágeis e por isso seus responsáveis, que eram seus maridos, estavam em situação superior e eram considerados os chefes da casa e da família, pois eram os responsáveis pela sustentação financeira da casa, o que refletia automaticamente nas leis, daí o fato, por exemplo, da obrigatoriedade em possuir o sobrenome do marido. É nesse contexto que está inserida a personagem Marina.

Interessante saber que um dos fatores que reforçavam a imagem estereotipada das mulheres, era segundo os autores, afirmado sobre a constatação de Raquel Soihet (1989), a característica das mulheres idealizadas pela literatura, citando como principal, as personagens de Machado de Assis, “acabou por servir como paradigma de mulher ideal para a classe burguesa, o que colaborou com a manutenção no âmbito da classe burguesa como exemplo a ser mantido” (SILVA e RÊGO, p.6,2018).

Percebemos em *A Sucessora* que as duas mulheres Alice e Marina tinham um padrão a obedecer e tinham que seguir a esse exemplo, porém podemos

ver o início do rompimento com esses padrões, quando Marina mesmo com sua preocupação em só agradar, decide voltar para Santa Rosa, essa decisão revela o quanto Marina se preocupava com ela mesma, e de quanta força precisou para abdicar de agradar ao marido, pois Marina acreditava que ele não iria reagir bem, mesmo colocando seu casamento em risco e com muito medo por isso, ela pensou nela, também não aguentou mais a constante companhia de Alice que sentia, decidiu por ela, por isso foi forte,

Sentia que tomara uma decisão definitiva, um passo que a afastaria para sempre de Alice, e veio-lhe, ao fim da longa luta dolorosa, uma paz nova, que a invadiu toda deliciosamente, a recompensa rara e duramente ganha das naturezas vacilantes. (NABUCO,2018,p.150)

É certo que após essa sensação Marina sentiu medo de como o marido e sua mãe tão conservadora iriam reagir. Mas a verdade é que Marina não aguentava mais viver aprisionada a sentimentos tão asfixiantes para ela, a comparação com Alice e a sua presença na casa do Paissandu, e todos os outros problemas. E resolveu fugir, mesmo com a existência do padrão em que a mulher deve agradar ao marido aguentando todos os empecilhos, comportamento que Marina por muito tempo cumpriu conforme sua consciência, mas no momento em que ela decide sair de casa, pensando exclusivamente nela pode ser visto como uma forma de resistência. De resistência a ter que sofrer para agradar ao marido, de ter que manter a aparência de recém-casada feliz, de ter que ser a dona de casa perfeita “como foi a primeira” e de ter que ir contra tudo que sua consciência e religião permitia para poder se enturmar ao grupo do marido.

A verdade é que Marina representa as mulheres não-fictícias do seu século. Mulheres que nasceram para agradar, esconder seus medos e inseguranças, beirarem a perfeição no comportamento, aparência e emoções, e com muita dificuldade tiveram que romper com esses pensamentos retrógrados.

A partir do momento que as mulheres não aceitam mais esse papel de submissão, elas começam a resistir e dão início as reivindicações por direitos igualitários entre os sexos em todos os setores da sociedade, uma luta difícil que aos poucos foi ganhando resultado.

Josefina Álvares de Azevedo (1891) foi uma professora, jornalista e escritora que defendia a igualdade entre os gêneros e a educação da mulher, teve alguns de seus artigos organizados em um livro intitulado por *A mulher Moderna (2018)* na coleção *Escritoras do Brasil*, publicado pelo Senado Federal, dentre estes artigos o chamado *Emancipação da Mulher* ela discorre sobre a importância da mulher reconhecer-se como não inferior ao homem, mesmo que este insista em propagar essa mensagem de inferioridade,

Até hoje têm os homens mantido o falso e funesto princípio de nossa inferioridade. Mas nós não somos a eles inferiores, pois que somos suas semelhantes, embora de sexo diverso. Temos, segundo a nossa natureza, funções especiais, como eles pela mesma razão as têm. Mas isso não é razão de inferioridade, porque essa traz o animal na escala natural de suas aptidões. Portanto, em tudo devemos competir com os homens, no governo da família, como na direção do estado. (Álvares, 2018, p. 81)

Mesmo o texto sendo escrito no século XIX, percebemos que carrega o mesmo problema que ainda persiste no século XX, e mesmo agora no século XXI, talvez mais brando, mas não como deveria. A situação da mulher como menos competente que o homem, por sua fragilidade, e a ocupação dos dois sexos como distintas, “As sociedades assentam suas bases sobre dois princípios: o princípio da força e o princípio da ordem. O princípio da força é o homem, o princípio da ordem é a mulher.” (Álvares, 2018, p.82), nesse sentido a autora acusa o homem como dissociável a ordem, dando exemplo de que um homem não coloca ordem em uma casa, pois muito menos de um estado composto por milhares de casas.

A autora acredita que o meio pelo qual a mulher pode chegar a igualdade com o outro sexo é através da educação, “A Educação da Mulher, tem como consequência forçosa a nossa emancipação, isto é, a igualdade de direitos em relação às aptidões de cada uma de nós.” (Álvares, 2018, p.85). Ela vê a educação como a principal arma de resistência e única capaz de levar-nos adiante.

Os movimentos feministas, impossível não citar, que surgiram com intuito de garantir direitos as mulheres, entre eles a igualdade, foi crescendo e tomando forma também gradativamente e foi essencial para a motivação da

resistência entre as mulheres. De fato a educação fez com que muitas mulheres chegassem a lugares onde só homens poderiam, a educação também fez muitas mulheres compreenderem que não estavam em um lugar favorável, portanto foi a educação a principal arma na luta de resistências das mulheres, fundando movimentos, grupos, escrevendo, decidindo e mostrando do que eram capazes. Cada vez mais instruídas, mas dessa vez não só para o casamento.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre o feminino é um desafio prazeroso, poder voltar ao passado e conhecer histórias de mulheres incríveis como a própria Carolina Nabuco, nos faz entender que o lugar que hoje ocupamos, dependeu da luta e da resistência de mulheres dos séculos passados.

Compreender a importância das histórias de autoria feminina, nelas contendo descrições preciosas dos diversos cenários pelos quais passaram o Brasil. Mulheres que compõem a literatura brasileira, mas foram silenciadas, esquecidas e apagadas da nossa história. Muitas hoje estão ressurgindo e tendo suas histórias resgatadas.

A leitura de *A Sucessora* (2018) foi capaz de causar muitos sentimentos, Carolina Nabuco através de seus personagens nos proporcionou conhecer o Brasil da década de 30, da sociedade rural a burguesa, mostrou a força do patriarcado ainda na modernidade e mostrou a postura da “nova mulher”, a mulher moderna. Fez-nos encantar pela jovem Marina, nos aproximar dela, uma mulher com tanta insegurança, medos, dúvidas, confusões, que fugia de ser ela mesma para agradar ao marido. Carolina mostrou o outro lado da vida de uma mulher, não mais perfeita, como as que os leitores da época queriam encontrar. Falar das submissões de uma mulher, de suas infelicidades, de seus problemas emocionais, do seu trajeto para chegar até seu momento de cura, e tudo isso escrito por uma mulher, nos mostra o quão valeu a pena as lutas de nossas primeiras escritoras, entre elas, cito novamente, Maria Firmina dos Reis. Mulheres que romperam com o que não poderiam fazer e fizeram.

*A Sucessora* (2018) de Carolina Nabuco representa a conquista das mulheres enquanto escritoras, mulheres que escreveram sobre mulheres, e que agora não são mais esquecidas, e como disse a inglesa Virgínia Woolf (2019) a respeito da irmã do poeta Shakespeare, que também foi poeta, mas não teve a visibilidade do irmão:

Ela vive em vocês em mim, e em muitas outras mulheres que não estão aqui esta noite, porque estão lavando a louça e pondo os filhos para dormir, Mas ela vive; pois os grandes poetas nunca morrem, são

presenças contínuas, precisam apenas de oportunidade para andarem entre nós em carne e osso. (WOOLF, 2019, p.106)

Pois então, Virgínia viu que com o passar do tempo, e com muita coragem as mulheres iriam dar vida a poetisa irmã de Shakespeare, que escrevia lindas poesias, mas não teve méritos por ser mulher. E o mesmo aconteceria com outras poetisas, romancistas e escritoras do mundo afora. Dar vida no sentido de trazê-las a tona, de prestigiá-las como antes não poderiam ser.

Por isso esse texto foi escrito, para fazer refletir, para conscientizar, para apresentar a todos que o leiam, que as mulheres escrevem, que a mulheres escreveram, que o processo de reconhecimento para mulheres escritoras foi difícil, que para as mulheres conseguirem estudar foi difícil, que para poderem dizer sim ao matrimônio apenas quando quisessem foi muito difícil, serem reconhecidas como forte e capazes de administrar mais que o lar, o processo de submissão as vontades do marido, como Marina, foi tudo muito difícil de ser enfrentado e conquistado, mas, as conquistas vieram, estão vindo, e mesmo assim propagaremos a importância de estarmos cada vez mais representadas na vida e na arte. Esta pesquisa revela também a importância dos estudos que visam ressaltar essas mulheres escritoras, resgatando-as do passado de esquecimento.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **As gentis patricias: identidades e imagens femininas na primeira metade do século XX (1920/1940)** [versão eletrônica]. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 48, p. 187-205, abr./jun. 2013. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n48/n48a12.pdf>> Acesso em: 2 de agosto de 2019.

ASSIS, Maria Elisabete Arruda de; SANTOS, Taís Valente dos (Org.). **Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres.** – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2016. Capítulo: Mulheres brasileiras: reinventando a vida, a história, a cultura, Tatau Godinho (p.13 a 25) e capítulo: Francisca Senhorinha da Motta Diniz e a inserção das mulheres no espaço público: imprensa, educação e feminismo no Brasil oitocentista, Bárbara Figueiredo Souto (p. 98 a 109);

AZEVEDO, Josefina Álvares de. **A mulher moderna : trabalhos de propaganda** [versão eletrônica]; apresentação, organização e notas Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares ; apresentação à coleção Ilana Trombka. -- Brasília : Senado Federal, Secretaria de Editoração e Publicações – SEGRAF, 2018. 133 p. -- (Coleção escritoras do Brasil ; v. 1). Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/552778/001139208.pdf>>. Acesso em: 5 de out. de 2019.

FERNANDES, José Davis Campos. **Introdução a semiótica** [versão eletrônica]. 2002. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/modulos/p8/p8\\_4.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/modulos/p8/p8_4.pdf)> Acesso em: 12 de set. de 2019.

GREGORI, Juciane de. **Feminismos e resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos** [versão eletrônica]. 10.14393/CEF-v30n2-2017-3. Disponível em: <[file:///C:/Users/PC/Downloads/38949-Texto%20do%20artigo-171760-1-10-20180212%20\(6\).pdf](file:///C:/Users/PC/Downloads/38949-Texto%20do%20artigo-171760-1-10-20180212%20(6).pdf)>. Acesso em: 6 de out. de 2019.

\_\_\_\_\_. **História das mulheres no Brasil** [ versão eletrônica ] / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo : Contexto, 2004. Capítulo: Escritoras, Escritas, Escrituras. Norma Telles (p.336 a 402). Disponível em: <<https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/delpriorehistc3b3ria-das-mulheres-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 2 de agosto de 2019;

LIMA, Antonia Rosane Pereira. **Escolha e exclusão de textos de autoria feminina do cânone literário brasileiro** [ versão eletrônica ]. Revista Crioula, (20), 96-121. São Paulo: USP, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.137538>> Acesso em: 2 de ago. de 2019;

MANINI, Daniela. **A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80**. 1996. Cadernos AEL, n. 3/4. 1995/1996.

MAUGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**/ tradução de Roberta Figueiredo, Rosaura Eichenberg, Cláudia Strauch – São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Pgs. 15-57;

MENDES, Raísa Amaral. **Os modos de vestir e a influência francesa na Belle Époque carioca**. Universidade Anhembi Morumbi- UAM. Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística - Vol. 5 no 2 – novembro de 2015. Edição Temática: Cultura e Comportamento;

MUZZART, Zahidé Lupinacci. **CAROLINA NABUCO: uma lady em nossa literatura**. Lima, Año XV, No. 152, enero - febrero, 2014. Santa Catarina;

NABUCO, Carolina. **A Sucessora**. 1º ed. – São Paulo: Editora Instante: 2018;

NASCIMENTO, Stefany Silva do; OZELAME, Josiele Kminski Corso; LANGARO, Cleiser Schenatto. **A personagem feminina na literatura brasileira romântica, realista e contemporânea**. CLARABOIA, Jacarezinho, v.5, p. 32-48, jan./junh., 2016. ISSN: 2357-9234;

NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira do. **Escrever como homem ou escrever como mulher?: relações entre a autoria feminina e o cânone literário** [versão eletrônica]. 2015. Florianópolis-SC. XXVIII Simpósio Nacional de História. Disponível em: <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1450120827\\_ARQUIVO\\_Escrevercomohomemouescrevercomomulher\(texto\).pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1450120827_ARQUIVO_Escrevercomohomemouescrevercomomulher(texto).pdf)>. Acesso em: 5 de out. de 2019.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. DOSSIÊ: "História das Mulheres no Ocidente"**. Conferência proferida no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu em 06 de maio de 1994 (Unicamp). Tradução de Ricardo Augusto Vieira - Mestrando em Filosofia, UNICAMP;

PRIORE, Mary Del. **Mulheres de açúcar: vida cotidiana de senhoras de engenho e trabalhadoras da cana no rio de janeiro, entre a colônia e o império**. R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 169 (438):57-90, jan./mar 2008;



RIBEIRO, Cristiane de Paula. **Cânone literário e o lugar das mulheres na literatura brasileira oitocentista**. História e Cultura, Franca, v. 7, n. 1, p. 30-49, jan-jul. 2018. MG: Juiz de Fora;

RODRIGUES, Valeria Leoni. **A importância da mulher** [versão eletrônica]. [ca. 2010]. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>>. Acesso em: 22 de agos. De 2019;

ROMANELLI, Marina. **A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea** [ versão eletrônica ]. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 2014. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/639/3/MRomanelli.pdf>>. Acesso em: 15 de set. de 2019.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **Autoria feminina, memória e subjetividade: relações possíveis**. Antares: Letras e Humanidades | vol.6 | nº11 | jan-jun 2014. RS: Caxias do Sul.

SILVA, Marcelo Medeiros da. **Do espaço (e) da mulher em a sucessora, de carolina Nabuco**. Revista Graphos, vol. 14, nº 2, 2012 | UFPB/PPGL.

SILVA, Marcelo Medeiros da. **Júlia Lopes de Almeida e Carolina Nabuco: Uma escrita bem-comportada?** [ versão eletrônica ]. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6159/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 2 de agosto de 2019.

SILVA, Marcelo Medeiros da; MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **Carolina nabuco: primeiros passos de um resgate** [versão eletrônica]. [ca.2009]. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/MARCELO%20MEDEIROS%20ODA%20SILVA.pdf>>. Acesso em 2 de set. de 2019.

SILVA, Adilson Cunha, SANTOS, Roseli Rêgo. **A identidade familiar da mulher casada: da obrigatoriedade à faculdade de mudança do nome da mulher no casamento** [versão eletrônica]. 2018. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=9873eaad153c6c96>>. Acesso em: 6 de out. de 2019.

SOUZA, Márcio Jean Fialho de. **A Mimese da Escrita Intimista nas Narrativas Autodiegéticas de Eça de Queirós** [versão eletrônica]. Tese (Doutorado em Letras) Universidade de São Paulo. 2016. Disponível em: <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tdede26082016132728/publico/2016\\_MarcioJeanFialhoDeSousa\\_VOrig.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tdede26082016132728/publico/2016_MarcioJeanFialhoDeSousa_VOrig.pdf)>. Acesso em 22 de agos. De 2019;

TOFANELO, Gabriela Fonseca. **A trajetória do feminismo na literatura de autoria feminina brasileira: espaços e conquistas** [ versão eletrônica ]. Paraná: Maringá, UEM, 2015. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/593.pdf>> Acesso em: 13 de julh. de 2019.

WIECHMANN, Natalia Helena. **A crítica literária feminista e a autoria feminina**. *Revista de Letras e Linguagens Midiáticas*. 2018. São Paulo,SP.

WOOLF, Virginia, 1882-1941. **Um teto todo seu**/Virginia Woolf; tradução Vera Ribeiro; prefácio Ana Maria Machado. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. (Biblioteca Áurea).